



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Editorial

Filosofia política para os desafios do presente

Prof. Dr. Luiz Fernando Dias Pita¹
magisterpita@gmail.com

Rompendo as fórmulas tradicionais e consagradas para editoriais de revistas e demais publicações acadêmicas, como seria o caso presente, gostaria de iniciar manifestando meu momentâneo estupor pelo convite que me foi apresentado de escrever o editorial que ora segue. Mas ressalto tratar-se de um espanto ambivalente, tanto pelo inesperado fato de haver-se considerado meu nome, quanto pela

¹ É Doutor em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, é Mestre em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, é Mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense – UFF, é Especialista em Língua Latina pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ e Graduado e Licenciado em Letras Português-Espanhol pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Tem curso sobre *Esperanto kun teorilingvistika bazo C1* pela Universidade Jagelônica de Cracóvia – UJ – Polônia e é certificado como proficiente em Esperanto, nível C1 pela Universidade Eötvös Loránd – ELT – Hungria. É servidor público estadual do Rio de Janeiro, docente do Ensino Superior, professor adjunto, lotado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, na cidade do Rio de Janeiro. É servidor público Municipal, docente de Letras Português na Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias – SME-PMDC. É servidor público estadual do Rio de Janeiro, docente III, de Língua Espanhola, da Secretaria de Estado da Educação do Rio de Janeiro – SEED-RJ. É Pesquisador-efetivo e Coordenador de Pesquisa do Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologia – IFPR, vinculado a Linha de Pesquisa sobre Idioma Internacional Neutro – Esperanto. É Coordenador do Projeto de Pesquisa sobre Laboratório de Estudos do Renascimento Humanístico em Portugal. É Membro do Corpo Editorial dos periódicos “IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica”, “O Marrare” e “Revista eletrônica Tessituras”. É revisor do periódico “O Marrare”. É autor de artigos científicos na mídia especializada nacional. É autor dos livros “Do era ao mais uma vez: o eterno retorno à Antiguidade Clássica e à cultura Oriental” (2015); “Baza kurso de Esperanto” (2015); “Octavius” (2015); “Kompleta Gramatiko de La Tupia Lingvo” (2015); “Vocabulário pentalingue – Kvinlingva Vortareto” (2014) e “A ilha e o corte: tensões e transformações na Antiguidade Clássica e na cultura Oriental” (2013). É co-autor nos livros: “As fronteiras da Antiguidade Clássica e da cultura oriental” (2017); “Imagens e miragens: Anais do V Congresso de Letras Clássicas e Orientais – LECO-UERJ” (2011); “Hispanismo 2000” (2011) e “Universo hispânico: língua, literatura, cultura” (2001).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sincronicidade com que a informação me foi trazida, uma vez que a temática deste número tem-me, nas últimas semanas, ocupado o pensamento com desconfortável frequência.

Tal desconforto advém do somatório de uma série de informações que, agrupadas, mostram de forma irretorquível o insólito em que nosso cotidiano tem-se transformado: com a argumentação fundamental de que o Ensino Médio deve “preparar os jovens para inserção no mercado de trabalho” – argumento que não deixa de ser louvável, diante da massa de jovens que chegam à idade laboral sem qualquer mínimo preparo para o exercício de qualquer atividade remunerada – tomo, bestializado, ciência de que, dentro do panorama da assim chamada “reforma” do Ensino Médio – subjaz uma enorme redução da oferta das disciplinas Sociologia, Espanhol, Artes e Filosofia.

Em que pese a propalada necessidade de inserção ser real – e de que eu reconheça que uma inserção subalterna no universo do trabalho e emprego ainda seja melhor que qualquer condição à margem do mesmo - essa medida não deixa de me fazer recordar o Concílio de Trento, pois evoca com nitidez o norte pretendido para dita “reforma”: a formação de mão-de-obra técnica, assalariada, desacompanhada porém de qualquer treinamento para o exercício de um pensamento autônomo e despreparada para o pleno exercício da cidadania, que ditas disciplinas podem despertar.

Mas há algo mais no ar: se a diminuição da oferta de Artes pode ter o efeito deletério de toldar não só a capacidade de fruição artística, nas suas mais diversas linguagens, também a capacidade de abstração e de interpretação fica embotada. Isso, somado à imposição da língua inglesa – em detrimento de outras, como o espanhol – evidencia a decisão de que se prepare o alunado para a recepção acrítica de uma matriz unívoca de pensamento (e de ideologia), tal como se fez no mencionado concílio. Enfim, sem qualquer meio-termo, assumem os propositores de tal “reforma” que,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

potencializando o que dizia Althusser, a escola deve ser, em sua visão sempre e tão somente, um aparelho ideológico do Estado; o qual é, no caso, aquele modelo que desde abril de 2016 se vem delineando, e cuja tônica tem sido a de inserção voluntária numa posição internacional subalterna.

Tomo esse exemplo como o mais cristalino, mas infelizmente não o único, de como, talvez mais que nunca, faz-se mister o resgate de estudos e práticas ligadas à assim chamada “Filosofia Política”; embora, não sendo eu filósofo, interrogo-me, talvez ingenuamente, se há alguma filosofia que não o seja. A necessidade dessa retomada repousa sobre o fato de que a sociedade - e não só a brasileira – se encontra num momento em que se presencia com tamanha nitidez a (re)construção, por diversas vias, de tão variadas formas de controle social, inclusive algumas que se tinham por definitivamente sepultadas, que não só tentam direcionar, mas também conter, de maneira ao mesmo tempo prescritiva e proscritiva, o exercício da cidadania.

Uma delas vale aqui mencionar: se nos últimos dez anos as chamadas redes sociais se tornaram o principal veículo de divulgação de informações, assiste-se hoje à enxurrada das chamadas *fake news*, sob as quais se percebem estratégias de defesa de ideias, de linhas de pensamento e de manipulação política que apelam não para o exercício do raciocínio crítico e independente, mas, ao inverso, às mais viscerais e violentas manifestações de irracionalismo. E isso já tem motivado uma, ainda tímida, reação em prol da veracidade dos fatos citados nas redes sociais. No entanto, percebe-se que, no bojo das medidas que visam à contenção das *fake news*, há o desejo manifesto de que os órgãos de imprensa tradicionais reconquistem a condição de “palavra autorizada”, e portanto digna de credibilidade que perderam com o crescimento das redes e das novas dinâmicas de informação a ela ligados. Corre-se pois, o risco de, sob a desculpa de justificado combate às *fake news*, cercear-se também a liberdade de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

expressão dos usuários de internet.

Obviamente, para todos aqueles que ainda creem na liberdade de expressão, numa política conduzida por ideias e por ideais, no debate racional sobre a *res publica*, na educação como via prioritária para a formação de novas gerações capacitadas para a formulação de um pensamento independente, na busca de um projeto de nação e de mundo em que o obscurantismo ocupe o sarcófago que lhe cabe na História; o horizonte que se esboça não é dos mais animadores: por isso a sensação de amargura e desesperança que percebo naqueles que acabei de mencionar.

Mas reitero que, é em momentos como esse, que se impõem a concentração de esforços em projetos exequíveis, o desbaste das ideias que já não tem mais lugar nesse novo panorama e a reorganização de forças para recuperar espaços que podem parecer, hoje, perdidos.

Finalizando, quero recordar as palavras do grande mestre enxadrista Savielly Tartakower (1887-1956): “*Tática é saber o que fazer quando há algo a fazer; estratégia é saber o que fazer quando não há nada para fazer.*” Partindo dessas definições, e à luz do que a Filosofia Política poderá nos proporcionar, ousou dizer que, à espera do momento exato de agir, urge que aqueles que porventura se identifiquem com os grupos que acima mencionei, desenvolvamos, através da reflexão filosófica a respeito dos embates que, com cada vez mais incômoda pertinácia, nossa sociedade atravessa(rá), novas estratégias e táticas que - para além de qualquer viés meramente ideológico, e muito menos partidário! - respondam a todos os desafios que se apresentam, e se possa, cumprindo-se os versos de Maiakóvski: “*arrancar a alegria lá do futuro*”.

Que os textos presentes neste número de IΦ-Sophia possam ser mapas e bússolas para que se alcance esse futuro no qual o pleno exercício da cidadania não seja novamente uma utopia.